

DIAS, LINO TAVARES (2015).

Paisagens milenares do Douro Verde.

Casal de Cambra: Caleidoscópio, 152 p.

Filmes, telenovelas e publicidade aos vinhos e à excelência das unidades hoteleiras do vale do Rio Douro lançaram de novo um olhar atento sobre a paisagem duriense, a realçar as suas características ímpares e a celebrar os valores históricos que encerra. Desta sorte, pôde o Alto Douro Vinhateiro ser inscrito, de pleno direito, na Lista do Património Mundial da UNESCO na categoria de Paisagem Cultural Evolutiva e Viva, a 14 de Dezembro de 2001, aquando da 25.^a sessão do Comité do Património Mundial, realizada em Helsínquia, com base especificamente nos seguintes critérios:

- 1 – Constitui o testemunho excepcional de uma tradição cultural viva;
- 2 – É uma paisagem que ilustra períodos significativos da história portuguesa;
- 3 – Mostra exemplarmente a utilização tradicional do território, numa extraordinária interacção do Homem com o meio ambiente.

Em relação a este último ponto, acentuou-se também o facto de a classificação poder servir para o tornar menos vulnerável ao impacto de alterações irreversíveis. Daí que amiúde se chame a atenção para o facto de o enorme incremento da navegação, facilitada pelas eclusas e explorada por empresas turísticas, ser devidamente acautelado, assim como a construção de unidades hoteleiras, que devem respeitar a arquitectura tradicional e devidamente integrar-se na paisagem.

A classificação como “Paisagem Cultural Evolutiva e Viva” foi, pois, amplamente louvada, mas desde logo se procurou acautelar que essas “paisagens milenares” não fossem descaracterizadas. Recordo, a título de exemplo, que essa preocupação cedo foi alvo de estudo, inclusive a nível universitário:

Laura Verdelli defendeu, a 5 de Dezembro de 2008, na Universidade de Tours, a tese *Héritages fluviaux, des patrimoines en devenir – Processus d’identification, protection et valorisation des paysages culturels en France, Portugal et Italie: quelques exemples significatifs*, que foi preparada em regime de co-tutela com a Universidade de Coimbra. Aí se analisaram em simultâneo três bacias hidrográficas – a do Douro, a do Loire e as dos cursos de água que envolvem Milão (os vales do Ticino, do Ada e uma parte da do Pó)... – do ponto de vista das transformações que elas podem vir a ter, nas ilusões que acarreta, nos projectos que determina a introdução, aí, de uma tónica cultural motivada por essa elevada classificação, pela UNESCO, como “Património da Humanidade”.

O livro do Doutor Lino Tavares Dias vai também nesse sentido, ao aliar o estudo do passado com as perspectivas do futuro; ou melhor: procurando alicerçar no Passado (aqui com maiúscula) os procedimentos correctos a ter no porvir.

Lino Tavares Dias foi Director Regional de Arqueologia da Zona Norte, numa altura em que o governo de Lisboa tinha consciência da importância da descentralização dos poderes; e, nessa condição, calcorreou todo o Norte do País, de que era responsável. Preparou a sua tese de doutoramento sobre *Tongobriga*, cujas escavações dirigiu, uma cidade romana sita no Freixo, Marco de Canaveses, e aí criou a primeira – e, até agora, única no País – Escola Profissional de Arqueologia, destinada a formar técnicos em Arqueologia. É essa experiência que, naturalmente, ressumbra deste seu livro, de excelente apresentação gráfica, diga-se desde já, de capa rija e ilustrado com bem sugestivas fotografias.

E se o Autor afirma que pretende apresentar aqui “o resultado de observações e reflexões” feitas, ao longo dos anos, sobre o que, “para efeitos do planeamento e do turismo”, se designou o “Douro Verde” (p. 11), não deixa de chamar a atenção para o facto de a Paisagem poder considerar-se “a projecção cultural de uma sociedade num espaço determinado”, detendo, por isso, “intrínseco carácter dinâmico”. Por isso, não rejeitando fazer uma “autópsia”, aponta, de modo especial, a necessidade de se prever uma “biopsia”, a fim de o Douro Verde se pensar “de forma prospectiva” (*ib.*).

Começa, assim, por delimitar esse espaço designado “Douro Verde”: limita-o, a nascente, a serra do Marão; a sul, a serra de Montemuro; a norte e a poente, os terrenos agrícolas “já na margem direita do rio Tâmega” (p. 15).

Espaço, Tempo e Memória constituem, em seu entender, o prisma tríplice a partir do qual se podem reconhecer essas paisagens milenares. Daí que, nesse 2.º capítulo, fale dos “planaltos dolménicos” (pp. 27-29), dos “cumes castrejos” (pp. 29-30), das “encostas e vales romanos” (pp. 30-35), das “terras dos conventos” (pp. 35-36), das “casas e quintas senhoriais” (pp. 36-37) e, até, do caminho-de-ferro (pp. 37-39), a evocar as iniciativas que, nesse âmbito dos passeios de comboio ao longo do Douro, estão a ganhar cada vez mais adeptos, pelo sereno usufruto ímpar de uma paisagem ímpar, também eficazmente conseguida pelos já referidos passeios fluviais.

Torna-se premente, pois, aprofundar uma cada vez maior “concertação entre as diferentes entidades públicas e privadas com responsabilidade, interesse estratégico e tutela da Paisagem” (pp. 48); interrogar-se acerca do perfil dos visitantes, seus interesses e necessidades básicas; e, sobretudo, manter a autenticidade dessa mesma paisagem, em que – sublinha o Autor – uma criteriosa exploração das termas medicinais e mesmo das pedreiras pode apresentar-se como sugestivo foco de atracção, para além do já habitual ciclo das vindimas.

Como não podia deixar de ser, a ‘sua’ *Tongobriga* e o que nela foi levado a cabo no âmbito da escavação, preservação, publicação de resultados e exposição de materiais em adequado centro interpretativo, é por Lino Tavares Dias designada como “uma experiência marcante e avaliável no Douro Verde” (pp. 59-67).

Consequentemente, saber “gerir as Paisagens Milenares é um desafio do século XXI” (pp. 71-84), tendo em conta três parâmetros imprescindíveis: a globalização, a identidade e o lugar (pp. 87-101), pois, afinal de contas, neste Douro Verde até podem identificar-se quatro europas: a dos Celtas, de que nos restam os castros; a dos Romanos, que souberam ‘casar’ com o Norte as suas características mediterrânicas; a Europa que, de seguida, mormente a partir do século VI, os Cristãos vieram a moldar; e, finalmente, neste mundo quase sem fronteiras, a União Europeia...

E nesta página 101 termina o texto propriamente, que fora ilustrado, aqui e além, por fotografias, a preto e branco, da autoria de João Paulo Sotto Mayor, a mostrar aspectos das ruínas de *Tongobriga*. E cede-se espaço para a eloquência das imagens a cores, de Lino Tavares Dias: as vastas paisagens; os monumentos dolménicos; o casario típico com seus azulejos e ferros forjados;

as calçadas a descer pró rio, a par das vias romanas; o voluptuoso ondulado das colinas que parecem querer aninhar a aldeia de Mafómedes (pp. 116-117). E, num dia de Março de 2009, um casal corta, tranquilo, o mato para a cama dos bovinos, que, ao lado, pachorrentos, “foram amarrados à vedação de uma mamoa” pré-histórica da serra da Aboboreira (pp. 110-111)...

Noutra imagem, as gigantescas pás brancas das eólicas cortam, sussurrantes, a serenidade do azul; ostenta flores orgulhosas, em cacho, a vegetação rasteira; e, um pouco mais além, jazem, especados, como há milénios atrás, os esteios de um dólmen neolítico, saudosos dos mortos que, durante muitos séculos, guardaram. Evoca-se, aqui, a morte e a eternidade; mais além, cantam as hélices as maravilhas de um futuro que teimam em antojar risonho.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

jde@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra